

Contas externas tiveram em 98 pior resultado no Real

Deficit nas transações do Brasil com exterior atingiu US\$ 34,9 bi, ou 4,48% do PIB, e país não cumpriu meta com FMI

Editoria de Arte

Sheila D'Amorim e
Marcos Gonçalves

BRASÍLIA. O desempenho das contas externas do país no ano passado foi o pior desde a implantação do Plano Real, em julho de 1994. O déficit nas transações do Brasil com o exterior chegou a US\$ 34,9 bilhões, o equivalente a 4,48% do PIB, contra 4,16% em 1997. O resultado do ano passado ficou pior do que a meta acertada no acordo com o FMI, em outubro do ano passado, que era de um déficit de 4,2% do PIB em 1998.

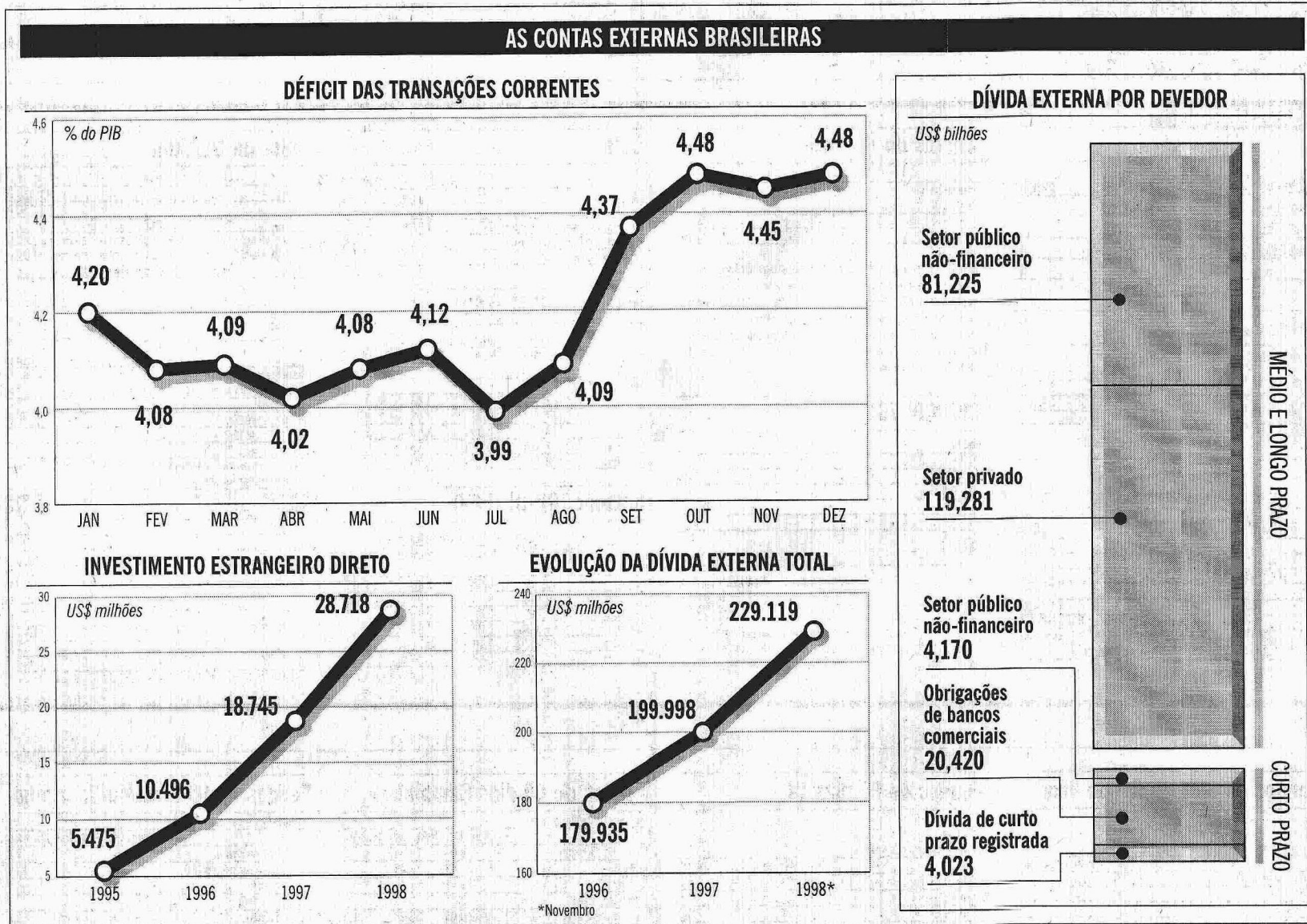
A fuga de dólares por causa da crise também fez com que o volume de reservas internacionais no caixa do BC fechasse o ano em US\$ 34,3 bilhões, descontados os US\$ 9,3 bilhões emprestados pelo FMI. Com isso, 1998 terminou com o nível mais baixo de reservas desde 1993.

Investimentos diretos em 99 devem ficar em US\$ 19 bi

Mas o ano passado não teve apenas más notícias sobre as contas externas. Em 1998, os investimentos diretos no país chegaram a US\$ 26,1 bilhões, superando as expectativas iniciais do próprio Governo, que estimava US\$ 20 bilhões para o ano. Do total de investimentos em 1998, US\$ 6,1 bilhões foram recursos para privatização. Do restante, a maior parte, US\$ 5,5 bilhões, foi para o setor financeiro.

A indústria recebeu US\$ 3,6 bilhões e o comércio ficou com US\$ 2 bilhões. Para 1999, Lopes prevê recursos da ordem de US\$ 18 bilhões.

Quando fiz a previsão de US\$ 20 bilhões para 1998 fui considerado otimista. A previsão de US\$ 18 bilhões para 99, eu diria que é até conservadora — afirmou Altamir Lopes, chefe do De-



partamento Econômico do BC.

No entanto, o dinheiro recebido na forma de empréstimos, investimentos diretos e captações de empresas brasileiras lá fora não foi suficiente para cobrir o déficit na balança comercial, as despesas com juros, transportes, seguros, os gastos de brasileiros em viagens ao exterior e as remessas de lucros e dividendos de companhias estrangeiras. Por

causa disso, foi preciso usar US\$ 8,4 bilhões das reservas para atender à necessidade de financiamento externo.

Apesar da piora em 98, Lopes, acredita que o Brasil conseguirá reduzir, este ano, o déficit em transações correntes para um patamar entre 3,6% a 3,8% do PIB. Além do impacto favorável que a desvalorização cambial provocará nas exportações, a queda na

atividade econômica deverá reduzir as importações e também os gastos com turismo, fretes, seguros e remessas de lucros para o exterior. Entretanto, as despesas líquidas com juros deverão aumentar. Primeiro, porque o volume de endividamento das empresas e do próprio setor público aumentou no ano passado, elevando a carga de juros. Entre janeiro e novembro, a dívida externa to-

tal do país subiu US\$ 199,9 bilhões para US\$ 229,1 bilhões. O setor privado foi o grande responsável por esse crescimento.

Nas contas de Lopes, os gastos com juros deverão ultrapassar os US\$ 15,9 bilhões verificados no ano passado e as receitas deverão ficar abaixo dos US\$ 3,8 bilhões. Em 1997, essas despesas somaram US\$ 14,4 bilhões e as receitas US\$ 4 bilhões. ■